

GESTÃO E EDUCAÇÃO PÚBLICA



Benjamin Ribeiro da Silva
Presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo (Sieeesp)

Os resultados recentemente divulgados pelo Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp) não permitem olhar com otimismo o futuro do ensino público. O desempenho em matemática e língua portuguesa dos alunos da rede estadual paulista melhorou em 2015 nos três ciclos de ensino – Fundamentais I e II e Médio. Apesar disso, a média alcançada está longe da estipulada pelo próprio governo estadual. Para o governador Geraldo Alckmin, “o desempenho foi impressionante, até 2030 vamos chegar aos indicadores dos países mais desenvolvidos”.

Caro governador, cara presidente, caros ministros, caras autoridades do País: a educação pública brasileira precisa de resultados agora, e não daqui a 15 anos. Posso garantir

que poucos, muito poucos – para não dizer nenhum – políticos brasileiros matriculam seus filhos em escolas públicas. Todos eles crescem e se formam em escolas particulares, sempre em busca da qualidade, da disciplina e da segurança que o setor privado de ensino oferece.

Há muitos anos alertamos para a falta de gestão, de vontade dos dirigentes e de qualidade do ensino público. Agora são os especialistas que veem estagnação nos ciclos finais de ensino. Um dos motivos é a descontinuidade administrativa. O vaivém de ministros e secretários de educação é constante, não permitindo que se estabeleçam um planejamento adequado e uma diretriz a ser seguida. O ensino fica ao sabor dos desígnios políticos e das vagas pretendidas pelos diversos partidos. O aluno é o último elo a ser vislumbrado, o que interessa realmente é atender às demandas da política partidária.

Com isso, assistimos aos percalços de um País cuja população fica sempre à espera do desenvolvimento e em busca de melhores dias – ao contrário do que acontece em países que viveram, há muitas décadas, situação semelhante à nossa, mas que conseguiram progredir e se transformar em potência graças ao planejamento educacional e à austeridade.

Está na hora de se colocarem pessoas certas em cargos certos para desempenhar o verdadeiro papel do gestor, do planejador, daquele que exerça liderança para levar a bom termo um bom projeto educacional, sem interferências nem ingerências políticas.

A educação de um país como o Brasil tem que ser uma política de Estado e não de governo, para que se consiga fazer um planejamento de longo prazo, de gerações. Ela tem que contemplar essencialmente uma base forte para estimular os alunos a concluir seus ciclos de estudo, sem interrupções motivadas por eleições ou movimentos políticos, nem mesmo por planos mirabolantes tirados da cartola daqueles que pretendem aparecer politicamente à custa de gerações de jovens ávidos por um sistema educacional forte e eficaz.

Os resultados das pesquisas sempre servem para alguns poucos se vangloriarem, mas, no cotejo com os dados de outros países, acabamos ficando na rabeira dos números. Está na hora de usar o bom-senso e pensar nas gerações futuras para que as crianças e os jovens de hoje herdem um País mais justo e verdadeiro. Devemos isso a eles e não podemos nos omitir. ■

benjamin@einstein24h.com.br